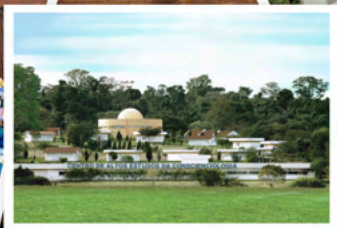


Milena Mascarenhas

Solange da Silva Portz

Valdir Gregory

(Organizadores)



# Lugares de Memória

Milena Mascarenhas

Solange da Silva Portz

Valdir Gregory

(Organizadores)



# Lugares de Memória

Atena  
Editora

Ano 2022



**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

CEAEC

Mac Donald Ferandes Bernal

Paola Stefanutti

Solange da Silva Portz

Alexandre Marchetti/Itaipu Binacional

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.



## Conselho Editorial

### Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí  
Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná  
Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa  
Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco  
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre  
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros  
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso  
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás  
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



**Diagramação:** Natália Sandrini de Azevedo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizadores:** Milena Mascarenhas  
Solange da Silva Portz  
Valdir Gregory

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L951 Lugares de memória / Organizadores Milena Mascarenhas, Solange da Silva Portz, Valdir Gregory. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-65-258-0167-4  
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.674221104>

1. Histórias de lugares e tempos. I. Mascarenhas, Milena (Organizadora). II. Portz, Solange da Silva (Organizadora). III. Gregory, Valdir (Organizador). IV. Título.  
CDD 398.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.





## APRESENTAÇÃO

Este livro foi concebido e construído com a finalidade de discutir *Lugares de Memória*, e aborda aspectos relacionados à memória em contexto de fronteiras, organizado e estruturado em oito capítulos. Os capítulos que o compõem são oriundos de pesquisas desenvolvidas no Programa de Pós-Graduação Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE) e outras instituições, e estão voltados para um debate a respeito de memórias, patrimônio e territorialidades da região conhecida como Tríplice Fronteira.

Os conteúdos contemplam dados e narrativas que se relacionam com a história da região trinacional situada nos entornos de Foz do Iguaçu, Puerto Iguazú e da região metropolitana de Ciudad del Este na fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai respectivamente. Considerando que, dentre os aspectos fronteiriços, estão as línguas portuguesa e espanhola, principalmente no cotidiano deste espaço, optou-se por manter citações em espanhol sem as suas traduções.

O primeiro capítulo trata do Patrimônio Cultural no Mercosul e lança olhares na direção da cultura além-fronteira, identificando referências culturais compartilhadas por diferentes Estados na perspectiva de um projeto de integração regional. Vê-se o debate sobre o papel da cultura como estratégia para a integração cujo o intuito é vislumbrar uma identidade comum dentro do Mercosul, visando promover um sentimento de pertencimento para a formação de uma cidadania regional. O patrimônio cultural emerge como uma categoria importante para a reflexão dos processos sobre as medidas de valorização das representações do passado, através das ações voltadas para a preservação de bens culturais compartilhados entre os países parceiros.

O segundo capítulo foca nas migrações, abordando as políticas sobre terra e colonização na perspectiva do processo de nacionalização da fronteira externa (separação entre nações) e interna (ocupação das áreas fronteiriças das províncias) nas regiões transfronteiriças do Sul do Brasil e Nordeste da Argentina, nomeadamente na faixa de fronteira das províncias do Paraná (BR) e Misiones (ARG) nos séculos XIX e XX. A pesquisa ainda foca na comparação e na transnacionalidade, buscando a compreensão das semelhanças, diferenças e conexões na invenção de nacionalidades de origem europeia para integrar a fronteira aos Estados Nacionais em questão.

O capítulo três tem a proposta de apresentar memórias construídas sobre um personagem que viveu na fronteira do Brasil, Paraguai e Argentina no final do século XIX e início do século XX. Os estudos sobre Moisés Santiago Bertoni emergem de documentação constituída por ele mesmo e por obras diversas produzidas a seu respeito. O texto discute a construção de memórias que fazem parte de um variado leque de lembranças e permite

conhecer o processo de construção de memórias sobre a Tríplice Fronteira.

O quarto capítulo estuda as culturas alimentares da fronteira Brasil-Paraguai-Argentina por meio de indícios e vestígios em feiras, trazendo reflexões acerca de práticas relativas à alimentação. As feiras analisadas foram a Feirinha da JK em Foz do Iguaçu, a Feria de Ciudad del Este do lado paraguaio e a Feirinha da Argentina em Puerto Iguazú. É uma escrita que bebe na micro-história, nas práticas do cotidiano e na etnografia. Parte-se da comida, de espaços de comidas e de seus desdobramentos para discutir culturas alimentares neste espaço de fronteira.

A Ponte Internacional da Amizade serve de cenário para discutir as ações empenhadas pelos governos brasileiro e paraguaio a fim de consolidar memórias e representações em diferentes insígnias, oferecendo aos lugares relacionados à ponte diferentes formas de ancorar lembranças. Buscou-se, a partir dos vestígios encontrados, problematizar os lugares de memória intencionalmente construídos para vincar certas lembranças e associá-las a seus executores.

O capítulo seis realiza uma discussão sobre como as ações materiais e imateriais do Estado brasileiro, por meio de lugares e memórias, são ativadas como representações da formação histórica de Foz do Iguaçu. Os indícios presentes no cotidiano levam a percepção da presença do Estado no passado e no presente. Por meio de documentos, discursos, infraestruturas, monumentos, políticas, projetos e ações, o Estado mostra sua presença e influência nas definições de representações, memórias, lugares de memórias de Foz do Iguaçu. Um território que integra muitas histórias que são imprescindíveis para compreender a formação de uma cidade com memórias porosas e cambiantes.

O capítulo sete traz narrativas sobre a primeira Catedral da Diocese de Foz do Iguaçu e a trajetória da Igreja Católica, na região Oeste do Paraná, no início do século XX. A Paróquia São João Batista revela-se como fonte provedora de histórias e de personagens que, de alguma forma, se conectam com a história da cidade, além disso, o autor trabalha com a concepção da igreja como monumento histórico, marco referencial para a manutenção de lembranças e de tradições, tornando-se ponto de referência e de singularidade do local onde se encontra promovendo a formação da identidade cultural local.

O capítulo final aborda o Centro de Altos Estudos da Conscienciologia (CEAEC) apresentando seu histórico de formação em Foz do Iguaçu. O CEAEC é um ponto turístico no município desde 1995, e um importante polo de pesquisas voltado para o estudo da consciência humana (pessoa, indivíduo, ego, *self*) de modo multidimensional, além da dimensão material, do corpo físico e do confinamento no cérebro, considera-se outras formas de manifestação. O capítulo discorre sobre o desenvolvimento de um sentimento de pertencimento por voluntários da Conscienciologia.

À vista disso, este livro apresenta um conjunto de temas, de múltiplos dados,

tratados sob diversos enfoques, de variadas metodologias e de diferentes abordagens teóricas. Discussões mais amplas e aprofundamentos maiores poderão ser buscados nas teses e publicações dos autores.

Por fim, agradecemos aos pesquisadores que contribuíram com suas pesquisas e reflexões compondo os capítulos dessa obra. Também ao Programa de Pós Graduação Sociedade Cultura e Fronteira da UNIOESTE que possibilitou a publicação.

Uma ótima leitura a todos!

Milena Mascarenhas  
Solange da Silva Portz  
Valdir Gregory  
(Organizadores)


## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### O MERCOSUL E A CENTRALIDADE DO PATRIMÔNIO CULTURAL

Maria de Fátima Bento Ribeiro

José Carlos dos Santos


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211041>

### **CAPÍTULO 2..... 12**

#### SEMELHANÇAS, DIFERENÇAS E INTERCONEXÕES DO PROCESSO IMIGRATÓRIO NA FRONTEIRA ARGENTINA/BRASIL

Leandro de Araújo Crestani

Ernelo Schallenger


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211042>

### **CAPÍTULO 3..... 30**

#### MOISÉS SANTIAGO BERTONI E AS MEMÓRIAS CONSTRUÍDAS

Solange da Silva Portz

Valdir Gregory

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211043>


### **CAPÍTULO 4..... 46**

#### PERCURSOS DE UMA PESQUISA SOBRE CULTURAS ALIMENTARES - INDÍCIOS ETNOGRÁFICOS EM PRÁTICAS DO COTIDIANO

Paola Stefanutti

Valdir Gregory


Ernesto di Renzo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211044>

### **CAPÍTULO 5..... 66**

#### PONTE INTERNACIONAL DA AMIZADE: LUGARES DE MEMÓRIA

Milena Mascarenhas


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211045>



### **CAPÍTULO 6..... 87**

#### FOZ DO IGUAÇU: MEMÓRIAS, LUGAR DE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÕES RELACIONADAS COM A PRESENÇA DO ESTADO

Samuel Klauk

Andressa Szekut

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211046>

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>109</b>
A IGREJA MATRIZ SÃO JOÃO BATISTA DE FOZ DO IGUAÇU E A CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO (SVD): HISTÓRIA E PERSONAGENS	
Mac Donald Fernandes Bernal	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211047">https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211047</a>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>133</b>
CENTRO DE ALTOS ESTUDOS DA CONSCIENCILOGIA (CEAEC): MATRIZ DAS TERRITORIALIDADES CONSCIENCIOLÓGICAS	
Cristiane Ferraro Gilaberte da Silva	
 <a href="https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211048">https://doi.org/10.22533/at.ed.6742211048</a>	
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>162</b>
<b>ÍNDICE GEOGRÁFICO</b> .....	<b>168</b>
<b>ÍNDICE ONOMÁSTICO</b> .....	<b>171</b>
<b>SOBRE OS AUTORES</b> .....	<b>175</b>

## A IGREJA MATRIZ SÃO JOÃO BATISTA DE FOZ DO IGUAÇU E A CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO (SVD): HISTÓRIA E PERSONAGENS

*Data de aceite: 20/01/2022*

**Mac Donald Fernandes Bernal**

### INTRODUÇÃO

Este capítulo apresenta aspectos da história da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu, com atenção destacada à atuação da Congregação do Verbo Divino (SVD), a partir do início do século XX até a reforma do templo em 2013. As informações descritas se baseiam pela cronologia apresentada no Painel *História*, um quadro informativo sobre a história da paróquia instalado na parte interna do templo, próximo à entrada principal. As informações contidas nesse painel são aqui discutidas e relacionadas a outras fontes de pesquisa como elementos indiciários para a elaboração de uma narrativa focal ampliada.

Esta pesquisa foi realizada com base na tese de doutorado defendida por este autor em 25 de março de 2021, no Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Sociedade, Cultura e Fronteiras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, intitulada “Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu: Da Igreja Histórica à Igreja Alegórica”.

Conforme Dom Laurindo Guizzardi (2014, p. 62), além de acompanhar o desenvolvimento do município desde sua origem, a Igreja Matriz

São João Batista foi a primeira Catedral da Diocese de Foz do Iguaçu, de 1978 até 2007, quando voltou a ser paróquia, transferindo o título para a nova Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, em fase de construção no alto da Avenida Paraná, no bairro Vila A.

No ano de 2013, a Igreja Matriz São João Batista foi submetida a uma ampla reforma para sanar problemas estruturais detectados na edificação, e que ameaçavam a segurança de seus frequentadores. O templo havia sofrido diversas modificações nas décadas anteriores e, naquela ocasião, a intenção do pároco Padre Vicente e da equipe que o auxiliava era a de, por meio desta reforma, resgatar também a aparência que a igreja apresentava originalmente, principalmente em sua parte interna.

A forma de esclarecimento acerca de seu valor histórico, bem como a justificativa sobre a necessidade de reestruturação do prédio, seria realizada por meio da instalação de dois painéis fixados nas paredes próximas à entrada principal da igreja. Um deles, intitulado Painel *História*, tratando sobre a trajetória da Paróquia São João Batista de maneira cronológica, e outro, chamado Painel *Reforma*, abordando a motivação e as fases dos restauros ocorridos a partir de 2013.

Para que este texto pudesse examinar a história da Paróquia São João Batista e a participação dos Missionários do Verbo Divino nos períodos iniciais de Foz do Iguaçu até a

contemporaneidade, o elemento indiciário de análise teve como foco principal o Painel *História*. Seu conteúdo, tanto textual quanto imagético, configura-se como um dos poucos mecanismos de manutenção de memórias relacionadas à Igreja local. De sua tessitura, surge o que seria uma narrativa oficializada, concebida a partir das memórias de seus clérigos. As fontes são incrementadas ou agregadas a outras referências complementares como forma de aprimoramento das informações nela contidas. Para o intuito desta pesquisa, essas fontes foram revisitadas e, no decorrer do trabalho, se revelaram igualmente importantes para uma exploração mais ampliada. De modo especial, é possível citar o Livro Tombo da Paróquia São João Batista, um documento único, quase centenário, que se mostrou primordial, não apenas para este estudo, como também para que as fontes consultadas nos escritos dos padres verbitas Martinho Seitz e Lotário Welter fossem redigidas. O acesso a este Livro Tombo colaborou também com o fornecimento de outras informações complementares que se juntaram às já citadas obras para poderem constituir argumentações coerentes para uma historiografia fundamentada em narrativas internas à Igreja Católica de Foz do Iguaçu.

Por seu caráter predecessor, a Paróquia São João Batista revela-se como fonte provedora de histórias e de personagens que, de alguma forma, se conectam com a história da cidade, favorecendo a ampliação das narrativas sobre o tema. Por esse fator, é possível também pensar na igreja como monumento histórico, marco referencial para a manutenção de lembranças e de tradições. As informações não se esgotam aqui, ao contrário, são provocativas, pois apontam possibilidades para investigações diversas, possíveis por meio do esforço de pesquisa expansiva. A igreja, enquanto monumento, cumpre um papel de perpetuação de sua instituição, fortalecendo seu posicionamento, inclusive em âmbito mercadológico, no território onde estiver inserida. Em sua estética, ela torna-se ponto de referência e de singularidade do local, no qual se encontra, promovendo, em contrapartida, a formação da identidade cultural local.

## **A CONGREGAÇÃO DO VERBO DIVINO (SVD)**

1907: Antes da fundação do município, o único religioso que visitou o local, duas ou três vezes, foi um padre de Posadas, Argentina. Posteriormente, os padres itinerantes da Congregação do Verbo Divino vinham atender a região uma vez por ano, em penosas viagens a cavalo que duravam até três meses, mato adentro (Painel *História*. PSJB, 2015, n. p.).

Conforme apontado no Painel *História*, a Igreja Católica teve uma presença mais efetiva na região Oeste do Paraná no início do século XX, notadamente pelos religiosos *verbitas*. De acordo com o descrito no livro de seu *Jubileu Áureo* (SVD, 1945, p. 3), a Congregação do Verbo Divino é uma irmandade religiosa católica fundada no ano de 1875,

em *Steyl*, nos Países Baixos, pelo padre alemão Arnaldo Janssen. Notadamente, havia um interesse pela difusão do catolicismo alemão por meio das missões *verbitas* em diversos países, em especial onde já havia a presença da colonização alemã, proporcionando maior eficácia na inserção.

Arnaldo Janssen tinha objetivos concretos. Sacerdotes e religiosos alemães na maior parte deveriam dedicar-se à conversão dos não cristãos nas missões. Em vista das restrições *estringentes* e leis impostas às ordens religiosas pelo *Kulturkampf*, comunidades inteiras bem poderiam apresentar-se para servir nas Missões. “Oxalá chegue o tempo em que a Alemanha católica em nobre zelo competitivo com a França, venha comprometer-se na nobilitante causa das missões pagãs... Não digamos que ainda há muito para missionar na Alemanha, porque o Senhor ordena: “Ide a todas as nações”! Ainda que essas palavras em si não sejam dirigidas a cada pessoa em particular, mas para as grandes nações católicas em sua totalidade. Ao menos devemos obter a graça da vocação missionária para alguns membros de nosso povo”. (SVD, 2000, p. 21).

A citação é extraída do livro biográfico sobre Arnaldo Jansen, fundador da Congregação do Verbo Divino. Suas linhas revelam que, inicialmente na Holanda, e posteriormente China, África e Áustria, os missionários do Verbo Divino se espalharam por diversos países, objetivando não só a causa evangélica, mas também com o intuito da “[...] criação de uma sociedade religiosa, que pusesse a Alemanha católica dignamente ao lado de outras nações, fadoras da ideia missionária, no sentido de preparar e formar elementos idôneos para difundir e consolidar o Reino de Cristo em terras estrangeiras pagãs” (SVD, 1945, p. 1). O *website* da congregação menciona que é característico ao carisma dos missionários do Verbo Divino “suscitar novas comunidades”, sendo notável o empenho em edificação de igrejas e outras obras de assistência comunitária.

Ainda, segundo o *website*, o Brasil é o maior campo de trabalho dos *verbitas* na América do Sul. Os primeiros missionários que chegaram ao país foram os padres Francisco Tolliger e o Pe. Francisco Dold, ambos alemães, no dia 12 de fevereiro de 1895, no estado do Espírito Santo. Visitaram duas comunidades de imigrantes alemães: Santa Isabel e Santa Leopoldina. No dia 19 de março daquele mesmo ano, dia de São José, a Congregação do Verbo Divino foi fundada no Brasil por eles, junto aos colonos do Tirol.

Com o estabelecimento da Congregação na Argentina e no *Ecuador* parecia traçado já o caminho para o Brasil, sem que os superiores, nem de longe se tivessem ocupado em seus planos com a fundação na Terra da Santa Cruz, alcançou um convite da Sagrada Congregação dos negócios eclesiásticos extraordinários, de Roma, para se dedicarem à *pastoreação* dos colonos alemães no Estado do Espírito Santo, que havia bastantes anos se achavam sem assistência religiosa. O pedido dos mesmos à Santa Sé fizera-o com conhecimento e aquiescência de D. Pedro Maria Lacerda, Bispo da Diocese do Rio de Janeiro, à qual o Estado do Espírito Santo eclesiasticamente pertencia. (SVD, 1945, p.1).



A atividade *verbata* no Sul do Brasil teve início em 1899, em São José dos Pinhais, Paraná, chegando posteriormente ao Oeste do estado. Em Foz do Iguaçu, no entanto, o primeiro contato com os missionários de Verbo Divino partiria de Posadas na Argentina.

Até o ano de 1889 a atenção dos dirigentes da Congregação se concentrava quase que exclusivamente no trabalho das Missões entre os pagãos, quando da Argentina convite tiveram, para se interessar pela *pastoreação* entre os milhares de colonos russos e alemães, ali domiciliados, muito ressentidos, entretanto, da falta de sacerdotes. Para lá foram os primeiros Padres do Verbo Divino no mesmo ano, e se estabeleceram em Buenos Aires, onde lhes foi confiada a paróquia de N. Senhora de Guadalupe. Seu trabalho teve a bênção divina, pois esta fundação veio a ser a semente de uma frondosa árvore, que estendeu os seus ramos sobre o vasto território daquela grande República sul-americana. (SVD, 1945, p. 1).

De acordo com Welter (1992, p. 15), era notória a dependência de Foz do Iguaçu por seu país vizinho. No campo material, tudo vinha da Argentina por meio de embarcações. O dinheiro corrente era o peso argentino e a língua mais falada era o espanhol.

Contou-me, recentemente, a Sra. Dora Schloegel Edhler, antiga moradora de Foz, hoje morando em Eldorado, Misiones, Argentina, onde é coordenadora de catequese, que, antes de 1916, Foz do Iguaçu era curato de Posadas, Argentina. Que por ocasião do Natal, vinha de lá algum padre do Verbo Divino e permanecia por quinze dias. Tratava-se dos padres Fuchs e Rademacher. Que toda a redondeza vinha batizar seus filhos nessa oportunidade, inclusive do Paraguai e da Argentina. Muitos não traziam padrinhos, os quais eram improvisados com os moradores locais. Que inesperada e surpreendente revelação: Foz do Iguaçu foi curato de Posadas, distante mais de 200 quilômetros, mas que era a paróquia mais próxima de então! Assim se completa a sua total dependência da Argentina, tanto no campo material como espiritual. (WELTER, 1992, p. 14).

Os religiosos ligados à Congregação do Verbo Divino (SVD) eram, em sua maioria, de origem alemã, assim como seu fundador Arnaldo Janssen, o que, de certa forma, influenciou o contato entre a cultura local e a germânica. O livro *Foz 80 anos – Projeto memória Vol.1* (1994, p. 91) traz o depoimento de Otto Hermann Friedrich que relata: “Comecei a estudar numa escolinha dos padres, perto da Igreja. Os padres, além das matérias normais do curso primário, ensinavam também alemão. Eles eram alemães e havia muitos alemães em Foz do Iguaçu”.

Dom Olívio Aurélio Fazza, primeiro bispo de Foz do Iguaçu, em seu depoimento, também registrado no livro *Foz 80 anos – Projeto memória Vol.1* (1994, p. 38), relata que, em 1907, antes da fundação do Município, o único religioso que visitou o local, duas ou três vezes, foi um padre de Posadas, Argentina. Conforme pesquisa apresentada na tese de Antônio Marcos Myskiw (2009), este religioso poderia ter sido um capelão que atendia a Colônia Militar naquele tempo. No estudo, o engenheiro militar Cândido Ferreira de Abreu apresenta uma relação nominal de colonos matriculados na Colônia Militar de Foz do

Iguaçu em 1905. Em alguns destes nomes é acrescida à informação “casado pelo Rocha”. De acordo com Myskiw (2009, p. 197), “Rocha era o nome de um capelão argentino que, de tempos em tempos, se deslocava à Colônia Militar para celebrar missa, batizados e casamentos”.

Posteriormente, conforme descrito no Painel *História* (1907), os padres itinerantes da Congregação do Verbo Divino vinham atender a região uma vez por ano “em penosas viagens a cavalo, que durava até três meses, Mato adentro”. Esta informação encontra-se registrada nas primeiras páginas do Livro Tombo da Paróquia São João Batista (Vol. I, 1923), assinado pelo Padre Guilherme Maria Thiletzek.

Conforme Seitz (1974, p. 11), em suas incursões, os missionários pernoitavam onde achavam casa hospitaleira, se alimentando conforme a provisão disponível, dormindo muitas vezes com as roupas molhadas, em leitos infestados de pulgas e baratas, rodeados por indígenas e lavradores. Celebravam a missa em ranchos de bambu, batizavam as crianças, legitimavam matrimônios e disseminavam o evangelho. Algo tido como importante ação para a manutenção da ordem e da moralidade numa terra praticamente sem lei, habitada por indivíduos de culturas díspares. Contudo, um local permanente, apropriado para o culto católico, fazia-se necessário.

Perto de 2 décadas pastorearam os missionários do Verbo Divino a paróquia imensa de Guarapuava. Em viagens longas e penosas, eles atravessaram-na em diversas direções entre inúmeras dificuldades. Já nos primeiros anos chegou o R. Padre Guilherme Münster, sempre a cavalo até Foz do *Iguassú*, onde *pode* admirar o fenômeno grandioso das *quédas* maravilhosas de fama mundial. O R. Pe. Matias Esser *chegára* também às Sete *Quédas*, perto de Guaíra. Outros lhe seguiram em tempos posteriores, munidos de faculdades extraordinárias, pois o recurso à autoridade eclesíastica em tais distâncias era impossível. Afinal, em 1923, Foz do *Iguassú*, cidadezinha apenas, mas prometedora do extremo sudoeste da paróquia devia ser residência de 2 padres, como o desejavam a população e o Exmo. Sr. Bispo, que criou a paróquia. (SVD, 1945, p. 89).

De acordo com Welter (1992, p. 29), “o caminho de Foz do Iguaçu a Laranjeiras do Sul era apenas carroçável”. Melhorias no trajeto só viriam ocorrer em 1920 com a inauguração da estrada que ligava Foz do Iguaçu a Guarapuava, pelo então Presidente do estado do Paraná Afonso Alves de Camargo. As viagens pastorais dos padres, neste percurso, duravam cerca de dois meses entre o local de partida e o de destino.

O Painel *História* indica que em 1916 “foi concedido oficialmente o terreno para a instalação da Igreja”. De acordo com Guizzardi (2014, p. 27), “em 1916, ergueram uma capelinha de madeira num terreno doado pelo prefeito Jorge Schimmelpfeng, no local onde hoje se encontra a matriz de São João Batista, e lá oficiavam em língua castelhana”.

Contudo, conforme Seitz (1974, p. 11), faltava a presença de sacerdotes que, naqueles tempos difíceis pela carência de recursos diversos, eram vistos como apacadores

dos sofrimentos da alma. Traziam vigor e esperança à população, necessários para a superação das dificuldades e limitações humanas.

De acordo com a narrativa, um alento às precariedades religiosas locais se deu com a chegada ao Brasil do padre alemão Guilherme Maria Thiletzek. Conforme Seitz (1974, p. 12), em 1922, por ordem do então bispo de Curitiba, Dom João Francisco Braga, padre Guilherme fez uma viagem de inspeção à região de Foz do Iguaçu, estudando as possibilidades da criação de uma paróquia, ao menos de um *curato*, para melhor atender as demandas espirituais do povo.

Caetano Munhoz da Rocha, governador do estado na época, ofereceu aos padres uma subvenção estadual e remuneração regular caso assumissem o compromisso de construir e dirigir um grupo escolar. Tarefa aceita pelos padres e fielmente cumprida pelo estado até 1930.

Em 1922, foi concedida a previsão jurídica para os padres como coadjutores de Guarapuava e a nomeação do Padre Guilherme Thiletzek como encarregado da Igreja de Foz do Iguaçu. Além dele, vieram também o Padre João Gualberto Progzeba e o Irmão Bianchi Altenburger (austríaco), todos vindos da paróquia de Guarapuava.

Diversos padres da Congregação do Verbo Divino passaram pela Paróquia São João Batista ao longo dos anos, alguns deles se tornando célebres atuantes cujos nomes se perpetuam em vias e edifícios da cidade, conforme veremos adiante.

## UM VASTO TERRITÓRIO

Conforme Welter (1992, p. 15), em 1924, a capela foi transformada em *Curato*, espécie de capelania subordinada a Posadas, na Argentina e, posteriormente, a Guarapuava.

Para os leigos no assunto devo explicar um pouco o que significa curato. Quando uma capela ou comunidade está em vias de se tornar paróquia, muitas vezes passa a ser curato, isto é: quase paróquia, dependendo ainda da paróquia à que faz parte como capela. Assim Foz foi capela e curato de Posadas, de um outro país, certamente algo raro na história da Igreja. Em 1916 passou a depender de Guarapuava, freguesia brasileira mais próxima, distante, todavia, mais de 400 quilômetros. De lá vinham os padres a cavalo, visitar a longínqua Foz do Iguaçu. Como vimos atrás, em 1924 passou a ter vida própria com a vinda definitiva dos primeiros missionários, e já em 1926 o curato foi elevado a prelazia, ao que tudo indica, sem chegar a ser paróquia, com jurisdição sobre um imenso território, compreendido entre o Rio Ivai, ao norte, e os limites com Santa Catarina e Argentina, ao sul; desde os limites do município de Guarapuava ao leste, até o rio Paraná, ao oeste. (WELTER, 1992, p. 15).

O território de ação dos verbitas no Paraná era bem maior que a capacidade logística que eles dispunham para gerenciá-la. Contudo, os escritos de Welter (1992, p.

31) revelam verdadeiras façanhas realizadas pelos religiosos, que não mediam esforços para embrenhar-se pelos sertões em suas missões pastorais. Sabiam preparar remédios caseiros e chás no atendimento aos enfermos dispersos pelos vilarejos. Acima de tudo, havia a assistência espiritual, que, segundo Welter, cumpria efeito semelhante ao da cura física.

A presença destes europeus, tão longe de sua terra natal, proporcionava, de certa forma, um intercâmbio cultural. Os padres aprendiam os costumes e a experiência labutar do sertanejo, ao mesmo tempo em que se realizavam no cumprimento de sua missão evangélica de forma autêntica, conforme o modelo do próprio Cristo, vivenciando as privações e dificuldades que marcaram a vida apostólica. Nesta dinâmica de trocas, é possível intuir que, por outro lado, os assistidos sentiam-se confortados pela ilustre presença eclesiástica.

Neste período de domínio do prelado no Oeste, um reduzido número de “[...] heróis missionários, em peregrinações constantes foram lançando fundas raízes na alma do sertanejo, ao mesmo tempo que, reanimavam a fé dos pequenos núcleos populacionais, alguns dos quais se tornaram cidades”. Fica claro a disputa do intelectual e do leigo: os “sertanejos” recebem “raízes profundas”. (SANTOS, 2008, p. 102).

O Livro do Jubileu Áureo (1945, p. 61) apresenta registros sobre a ação dos religiosos no território paranaense, onde, segundo o qual, não havia um ano ainda da chegada dos primeiros missionários *Verbitas* no estado do Espírito Santo, quando o Núncio Apostólico solicitou sua assistência ao estado do Paraná, onde a administração eclesiástica ainda pertencia ao bispado de São Paulo. Em 1893, foi criada a diocese de Curitiba que abrangia os estados do Paraná e Santa Catarina. Com a carência de sacerdotes para atender o território, o prelado solicitou à Congregação do Verbo Divino que assumisse primeiramente as paróquias de São José dos Pinhais, Palmeira e Ponta Grossa. Posteriormente, aos *Verbitas* foi também confiada a paróquia de Guarapuava, onde se realizava a catequese dos índios. Deste modo, sucessivamente, foi-lhes entregue a maior parte da Diocese e do estado do Paraná.

## **MONSENHOR GUILHERME MARIA THILETZEK**

Em 1926, nomeado “Monsenhor”, Guilherme Maria Thielletzek, ficou responsável pela recém-criada *Prelazia* de Foz do Iguaçu, assumindo esforços para a construção da nova igreja em alvenaria e da casa paroquial. O Painel *História* apresenta “1926: A partir de 1926, o Curato tornou-se Prelazia e Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek ligado à Congregação do Verbo Divino (SVD), foi nomeado Prelado”.

Monsenhor Guilherme, que seguia como linha pastoral a atuação também nas áreas de educação e saúde, teve seu nome dado a uma das ruas da cidade, um colégio

estadual, em funcionamento até hoje, e à extinta Santa Casa Monsenhor Guilherme cujo prédio atualmente se encontra em ruínas, em aparente estado de abandono. Sobre este exercício de nomeação, posto em análise nas linhas seguintes, é importante pontuar que, se por um lado Monsenhor Guilherme foi homenageado com seu nome, por outro lado ele também nominou. Conforme descrito no portal do município de Cascavel, inicialmente aquela localidade era conhecida como “Encruzilhada dos Gomes”. Teria então Monsenhor Guilherme a rebatizado como “Aparecida dos Portos”, nome que não vingou entre a população. A vila foi oficializada pela Prefeitura de Foz do Iguaçu em 1936, já com a denominação de Cascavel.

Conforme descrito em registros biográficos da Congregação do Verbo Divino, Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek (do polonês *Tyleczek*) nasceu aos 24 de novembro de 1877 em *Huta Laura*, na região de *Katowice*, sul da Polônia (naquela época sob ocupação germânica). Seus pais se chamavam Carlos e Henrica.

Em 1894, entrou no seminário verbita em *Nysa*, concluindo filosofia e teologia em São Gabriel SVD, perto de Viena, sendo ordenado padre em 1902. Designado para o Brasil, chegou em 24 de junho de 1906. Após breve tempo em Curitiba, trabalhou na pastoral em Ponta Grossa de 1906 a 1916, e em Guarapuava de 1917 a 1922. Ainda, conforme o registro, os *Verbitas* atendiam povoados nascentes pelo interior do Paraná, chegando até Foz do Iguaçu.

A atividade de cunho social, aquela que extrapola o âmbito religioso ou é agregado a ele, bem como os da esfera educativa, são princípios constitucionais do carisma *Verbita* e, de certa forma, configuram-se como diretrizes da ação missionária destes religiosos.

Conforme SVD (2000, p. 386), as Constituições de 1905, publicadas no documento *Fontes Historici SVD*, declaram primeiramente que “o fim da Congregação é a conversão dos pagãos, hereges e descrentes, especialmente dos pagãos”. Acrescentando na sequência:

além disso, tenha-se em vista ainda outros fins secundários; o trabalho na educação e formação da juventude em orfanatos, colégios e academias. Também o atendimento de hospitais, a pregação de exercícios espirituais e a publicação de bons livros. Se for necessário, podem-se assumir também paróquias com a permissão do superior geral.

Destarte, o Painei *História* procura salientar as atividades do Monsenhor Guilherme em áreas que extrapolam o da religiosidade.

1930: O Grupo escolar Bartolomeu Mitre foi criado em 1927 pelo Governador Caetano Munhoz da Rocha, e funcionava no casarão construído em frente à Casa Paroquial, até ser transferido para o prédio definitivo, inaugurado em 1952, onde se encontra em atividade até os dias atuais. Seu primeiro diretor foi o Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, forte atuante nas áreas de educação e saúde na cidade, e que teve seu nome dado a vários locais e obras públicas de Foz do Iguaçu. (Painei *História*. PSJB, 2015).

Conforme Mello (2020), fundado em 1927, na gestão do prefeito Jorge Sanwais, o Colégio Estadual Bartolomeu Mitre originalmente denominava-se Grupo Escolar Caetano Munhoz da Rocha, que, na época, era governador do Paraná. Localizava-se no terreno em frente à Paróquia São João Batista. A data oficial de início das aulas é assinalada aos 15 dias do mês de janeiro do ano de 1928, e seu primeiro diretor foi o Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek.

O prédio em questão ainda existe, porém encontra-se em desuso. Sua última utilização estava sob responsabilidade do Departamento de Patrimônio da Prefeitura. Atualmente tramita uma solicitação feita pela Fundação Cultural de Foz do Iguaçu, para que se torne uma casa da memória, algo que viria suprir a carência deste tipo de espaço na cidade. No entanto, conforme visita técnica realizada recentemente pela Fundação Cultural, o prédio necessitaria de uma reforma antes de se prestar ao uso público, visto que se encontra parcialmente deteriorado pela ação do tempo e pela falta de manutenção adequada.

O painel menciona que Monsenhor Guilherme “teve seu nome dado a vários locais e obras públicas de Foz do Iguaçu”. Desta forma, outro estabelecimento de ensino que merece observação nesta pesquisa é o Colégio Monsenhor Guilherme.

Conforme descrito no site do colégio, atrelado ao portal da Secretaria Estadual de Educação do Paraná, este estabelecimento de ensino foi criado pelo Decreto nº 11282 durante o governo de Moisés Lupion, em 05 de julho de 1950, com nome de “Ginásio Estadual de Foz do Iguaçu”. Foi inaugurado em 02 de março de 1952 pelo Governador Bento Munhoz da Rocha Neto.

O site também apresenta informações sobre as etapas que estabeleceram sua denominação:

O nome do estabelecimento foi uma homenagem ao dedicado sacerdote Pe. Guilherme Maria Thiletzek, da congregação do Verbo Divino que fundou centros religiosos em toda Prelazia. Surge então o novo ginásio que passou a se chamar Ginásio Estadual Monsenhor Guilherme pelo Decreto nº 26.950, ato 16, de 05 de agosto de 1960. Funcionou no prédio do Grupo Escolar Bartolomeu Mitre até o ano de 1964. A partir de 1965, passou a funcionar em prédio próprio, que foi inaugurado em setembro de 1965, no Governo do Sr. Paulo Pimentel. Pelo Decreto 19.245 de 20 de setembro de 1965, foi criado o ciclo colegial (2º ciclo) abrangendo o 1º e 2º ciclo com a denominação de “Colégio Estadual Monsenhor Guilherme”. Pelo parecer nº 147 de 06 de junho de 1974 foi aprovado em definitivo o projeto de implantação do Ensino de 2º Grau, do Colégio Estadual Monsenhor Guilherme e o Ensino de 2º Grau do Colégio Comercial Estadual “Antônio de Castro Alves”, para funcionar na sede do Colégio Estadual Monsenhor Guilherme, como curso de Assistente de Administração. Pelo Decreto nº 3533, de 21 de junho de 1977, o Colégio Estadual Monsenhor Guilherme e o Colégio Estadual Antônio de Castro Alves, passaram a constituir-se em um único estabelecimento, sob a denominação de Colégio Estadual Monsenhor Guilherme – Ensino de 1º e 2º Graus. (SEED/PR).

Uma reflexão importante a se pontuar é que, neste processo de nomeação, é possível que ocorra a identificação estabelecida de maneira involuntária, por aproximação. É o caso da denominada “favela Monsenhor Guilherme” ou “favela do Monsenhor”, um aglomerado subnormal urbano dos mais antigos da cidade, localizado nas cercanias do colégio, e que acabou herdando o nome dele. Não raro é noticiado pela mídia ações criminosas e atos de violência ocorridos nesta localidade ao longo de sua existência. Fator este, que resultou na consolidação de certa fama negativa sobre a segurança na localidade, depreciando, em alguns casos, impressões sobre o colégio e, conseqüentemente, o nome “Monsenhor Guilherme”.

Outra obra pública que leva o nome de Monsenhor Guilherme é uma das vias do loteamento Jardim São Paulo I, criado pelo decreto municipal nº 4.390, de 15 de outubro de 1975. Nesta pesquisa, não foram encontrados dados que apontem a motivação da escolha do nome. Percebe-se, porém, que as ruas do loteamento receberam nomes de antigos moradores da cidade, dentre eles o Monsenhor Guilherme. A rua que leva seu nome é uma das principais vias do bairro, ligando a Avenida República Argentina à Avenida Felipe Wandscheer, e é notória por concentrar diversos pontos comerciais de pequeno e médio porte.

Na área de saúde do município, Monsenhor Guilherme teve uma participação que lhe rendeu um tributo mais duradouro. A Santa Casa que leva seu nome foi fundada em 10 de junho de 1938 (ano seguinte à sua morte), existindo até 2006, quando a justiça declarou a falência da instituição, causada principalmente por dívidas. Conforme Seitz (1974, p. 15), o projeto teve início em 1926, com a promessa de subvenção do governo do estado.



**Figura 01 e 02:** Primeiras instalações da Santa Casa Monsenhor Guilherme, primeiro em madeira e posteriormente em alvenaria.

Figura 01: Autor desconhecido. Data: 1935. Fonte: Painel História / Acervo FCFI.

Figura 02: Autor desconhecido. Data: Anos 1950. Fonte: Biblioteca IBGE.

A primeira fotografia apresenta as instalações da Santa Casa Monsenhor Guilherme em sua fase inicial, ainda em madeira. O registro é datado como sendo de 1935, porém

de autoria desconhecida. Esta imagem integra o Painel *História*, ilustrando o assunto acerca das obras desenvolvidas pelo religioso. Este retrato é parte integrante do acervo da Fundação Cultural de Foz do Iguaçu e está exposto, junto a outras imagens, na Biblioteca Pública Municipal Elfrida Engel Nunes Rios. A segunda fotografia, apresentada aqui em caráter ilustrativo, é de meados de 1950, também de autoria desconhecida, e apresenta a Santa Casa já em alvenaria. Esta imagem faz parte do acervo da Biblioteca *on-line* do IBGE. Ambas evidenciam o nome do religioso dado à instituição, em destaque na entrada principal do estabelecimento.

Nesta pesquisa, não foram encontrados registros que evidenciem o exercício de atividades diretas do Monsenhor na Santa Casa, sendo, todavia, sua participação mostrada pelos esforços na implementação desta unidade hospitalar. Este comprometimento, possivelmente, foi determinante para a motivação da escolha do nome como sendo “Santa Casa Monsenhor Guilherme”. O mais provável é que esta seria uma forma de homenagear o prelado que, em 1935, precisou deixar a cidade para se fixar em Laranjeiras em função da mudança de sede da prelazia.

Na imagem que se apresenta no Painel *História*, datada de 1935, é possível visualizar uma placa que identifica o estabelecimento como sendo a Santa Casa Monsenhor Guilherme, o que sugere que o nome pode ter sido dado à instituição mesmo antes de sua fundação oficial. Contudo, os escritos de Seitz (1974, p. 15), trazem a informação de que, originalmente, Monsenhor Guilherme havia manifestado a intenção de dedicá-la a São Rafael. Outro indício de nomeação feita pelo Monsenhor que também não se concretizou.

Em março de 1926, o governo do Estado do Paraná prometeu uma boa ajuda para a construção de um Hospital de Caridade. Se esta ajuda veio ou não, não consta no livro tomo. Porque no dia 24/10/1926, foi colocada a pedra fundamental deste hospital, que a devoção e piedade do Pe. Thiletzek dedicou a São Rafael. Também esta construção teve suas maiores dificuldades. Pois só em nossos dias foi mais ou menos concluído o hospital, agora com o nome do Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek. (SEITZ, 1974, p. 15).

Comumente, obras vinculadas à religiosidade recebem nomes que homenageiam figuras bíblicas, santos ou beatos. Também nomes de clérigos não são incomuns, sendo que os preferidos, em grande parte, são os de alta patente, como Papa, bispo, ou fundador de ordem religiosa e, em casos mais esporádicos, padres que tiveram participação direta com a obra em questão, podendo a honraria ocorrer com ele ainda em vida.

Apesar da instituição já ter sido extinta, o prédio da Santa Casa persiste em pé, mesmo em desuso e quase em ruínas. Possivelmente, nem mesmo uma demolição poderá apagar completamente a memória da Santa Casa Monsenhor Guilherme, não apenas pelo tempo em que pôde exercer presença de alguma forma na vida de diversas gerações que tiveram contato com ela durante sua existência, mas também pelas ações que insistem em não esquecer-la. A Lei Municipal nº 3313, de 6 de março de 2007, instituiu o “Memorial



Santa Casa” para acervo de bens e materiais que retratam a trajetória do antigo hospital Santa Casa Monsenhor Guilherme. Uma iniciativa por parte do poder público municipal na tentativa de perpetuar a memória desta instituição.

Essas diretrizes certamente contribuem para a consolidação de um imaginário sobre o perfil pastoral do Monsenhor Guilherme Maria Thielletzek, ao ponto de se perceber que, na atualidade, o nome “Monsenhor Guilherme” é mais facilmente associado às obras que levam ou levaram seu nome (rua, colégio, hospital), que propriamente a pessoa do religioso em si. Desta forma, o efeito de associar (ou reassociar) as obras à pessoa e, conseqüentemente, à Igreja são parte da iniciativa proposta pelo Painel *História*, demonstrando uma igreja que se vincula com a sociedade local por meio de seu legado.

Entretanto, um fator pouco explorado no painel seria o suplício do Monsenhor Guilherme frente aos desafios exigidos pela missão em local tão inóspito. Segundo Seitz (1974, p. 19), além das atividades em torno da Igreja e do pequeno povoado de Foz do Iguaçu, o território de trabalho dos poucos missionários disponíveis se estendia bem mais além, e precisavam cobrir uma imensa região com sua ação pastoral.

Em 1934 foi anexada a paróquia de Pitanga. No ano anterior (1933) ela tinha sido criada, desmembrada de Guarapuava, como paróquia independente do Bispado de Ponta Grossa. Com seus imensos territórios, entre os Rios Ivaí e Piquirí passou, junto com os seus padres, que eram também do Verbo Divino, para a Prelazia de Foz do Iguaçu. Em março de 1935 a paróquia de Laranjeiras (hoje Laranjeiras do Sul), criada em 1932 e desmembrada de Guarapuava, passou do Bispado de Ponta Grossa para a Prelazia de Foz do Iguaçu, com 2 padres SVD. Já eram ao todo 3 paróquias, número pequeno, mas um território que era quase a metade do Estado do Paraná. Só em 1943 foi criada a 4ª paróquia, Campo Mourão, desmembrada de Pitanga com 1 vigário SVD. (SEITZ, 1974, p. 19).

A dificuldade em empreender ações pastorais num espaço geográfico tão extenso forçou o Monsenhor Guilherme a transferir a sede da Prelazia para Laranjeiras, tendo que, com isso, se mudar para lá. Conforme Guizzard (2014, p. 31), “o projeto era bem justificado, mas deixou a população de Foz do Iguaçu profundamente consternada”. Após um curto período de trabalho administrativo e pastoral, partiu para São Paulo onde foi diagnosticado com hidropisia, em seguida se deslocando para o Rio de Janeiro para tratamento de saúde. Com a saúde abalada, faleceu aos 26 de fevereiro de 1937 no Rio de Janeiro.

Seitz (1974, p. 15) cita que a criação da prelazia e a escolha de um prelado *Verbata* foram fatores que ajudaram a impulsionar as ações de construção da Casa Paroquial. O prédio foi finalizado antes mesmo da igreja. Sua arquitetura imponente apresenta em seu frontispício a data “1930” e a sigla “SVD” (*Societas Verbi Divini*), referente aos Missionários do Verbo Divino, juntamente com uma imagem de Santo, que hoje é a do Sagrado Coração de Jesus. Aqui, mais uma vez, é notadamente forte a intencionalidade de se perpetuar a marca da Congregação *Verbata* como instituição católica presente na história do município

desde suas origens.

Na época de sua conclusão, o prédio destacava-se por sua vultuosidade, ainda mais por se localizar em local elevado, sendo facilmente notado nas imagens fotográficas antigas da cidade. Conforme Seitz (1974, p. 35), seu espaço interno era desproporcional à quantidade de clérigos que nela habitavam.

A casa estava boa, mas bem vazia. Cederam-na temporariamente para uma congregação de Irmãs para instalação de um Colégio. Estas ocuparam  $\frac{3}{4}$  da casa, Pe. Martinho ocupava uma metade. Como havia uma imagem de São José no frontispício da casa, batizaram-na de Instituto São José. As Irmãs Vicentinas têm desde 1961 um prédio próprio, mas o nome de São José continua. (SEITZ, 1974, p. 35).

O Painel *História* acrescenta que “a Casa Paroquial em alvenaria ficou pronta em meados de 1930 e serviu de escola provisória para os alunos do Instituto São José, das Irmãs Filhas da Caridade de São Vicente de Paula, de 1948 a 1952, quando o prédio definitivo do Colégio São José foi concluído”.

Conforme Mello (2020), o Instituto São José, fundado a 29 de novembro de 1947, estabeleceu-se inicialmente na casa paroquial São João Batista, acolhendo 164 alunos do Curso Primário, onde permaneceu até 1952. A implantação de sua sede própria possibilitou a abertura de novos cursos a partir de 1961. Pela Resolução nº 3.459/99, a instituição passou a ser denominada como Colégio Vicentino São José – Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio e, na década de 1990, como forma de atender as demandas de espaço físico, novas tecnologias e necessidades pedagógicas, um moderno edifício anexo foi construído.

Inegavelmente, direta ou indiretamente, os missionários da Congregação do Verbo Divino tiveram participação no desenvolvimento da cidade. Essas ações encontram ressonância com as diretrizes constitucionais da instituição, citadas anteriormente, e se prestam também a atender às chamadas “dimensões”, integrantes do carisma missionário *verbíta*. Conforme o site da Congregação, as dimensões são realizadas em quatro áreas: Comunicação, Justiça e Paz, Animação Missionária e Bíblia, sendo que a aplicação da “Dimensão Justiça e Paz” pelos missionários em Foz do Iguaçu se acentua por ter proporcionado maiores contributos para a cidade em sua fase incipiente.

Conforme apontado na descrição destas ações, elas resultam em

trabalhos em conjunto com leigos e paróquias, promovendo ações sociais, desenvolvendo mecanismos para diminuir as desigualdades e injustiças sociais. Trabalhando em conjunto nesta Dimensão os Missionários propõe resgatar valores familiares, histórias da cultura, direitos de justiça e fortalecer as comunidades.

Esta dinâmica previa que os recursos obtidos seriam aplicados não somente nas

obras da instituição, como também no auxílio ao desenvolvimento em torno dela.

Não obstante, o Painei *História* apresenta a seguinte informação:

[Nos] fundos do terreno foi montada uma marcenaria comandada pelo Padre Vicente Hackl, onde os padres trabalhavam. Por ser bem aparelhada, serviu para fornecer madeira também para outros prédios importantes do município, como a prefeitura, a Santa Casa, o Hotel Cassino (atual prédio do Senac) e a antiga delegacia, entre outros”.

A célebre carpintaria dos padres, a única daqueles tempos, atendia também pedidos dos poucos habitantes da pequena cidade. Ela tinha todos os recursos, como: serra-fita, torno, circular, plaina, tupia, furadeira, etc. num total de 14 máquinas, sem contar a grande bomba d’água para refrigerar o motor a diesel, que movimentava tudo. (SEITZ, 1974, p. 13).

Esta indicação é similar ao conteúdo dos relatos do pioneiro Antônio Urnau, publicado no caderno *Foz 80 anos – Projeto memória* (1994, p. 24), que traz lembranças sobre a época em que trabalhou nesta carpintaria, auxiliando os padres. Segundo ele, “todas as aberturas eram feitas naquela marcenaria da igreja”, referindo-se às esquadrias dos principais estabelecimentos da cidade. Ainda hoje, é possível conhecer, na parte interna da Casa Paroquial, o acabamento primoroso em madeira de lei realizado pelos religiosos.

## **MONSENHOR MANOEL KÖNNER**

Sobre o aspecto construtivo da igreja, naquele período, o Painei *História* relata que, “tendo a construção avançada e apresentando-se adequada para a utilização dos fiéis, a nave principal e a Via Sacra foram bentas e abertas ao público em dezembro de 1942 pelo Monsenhor Manoel Könnner”.

O Livro Tombo da Paróquia São João Batista (1942, p. 41) evidencia esta realização, trazendo um registro da abertura da igreja ao público pelo Monsenhor Manuel Könnner, onde se lê: “Aos vinte de dezembro, antes da missa paroquial, benzi provisoriamente a nave da igreja para ser entregue ao culto”. Após quase duas décadas em construção, o templo finalmente seria aberto ao público, mesmo de maneira provisória.

A apresentação deste momento significativo para a comunidade católica de Foz do Iguaçu mostra-se atenuante, tendo em vista um contexto mais amplo. Enquanto a evolução da igreja física caminhava a passos lentos, neste íterim, seus administradores se viam inseridos num inconveniente de dimensões diplomáticas, resultando em mudanças significativas na conjuntura administrativa da Igreja:

No início da Segunda Guerra Mundial, os padres Teodoro Harbecke e Humberto Frisch, por serem cidadãos alemães, tiveram de afastar-se de Foz, por causa da Lei da Fronteira e do Litoral. Substituiu-os D. Manoel Könnner que, embora alemão, foi respeitado por ser autoridade eclesiástica. Quando ele foi preso por causa de denúncia de atividades subversivas, governou a Prelazia,

como Vigário Geral, o Pe. Napoleão Lacerda de Avelar. No fim da guerra, os padres puderam reassumir a paróquia, mas a encontraram em péssimas condições: roupas, panelas, pratos, cobertores, materiais de carpintaria, tudo havia desaparecido. Apesar de tudo, a paróquia retomou seu ritmo, contando sucessivamente com o serviço dos padres Paulo Schorn, Teodoro Harbecke e Antônio Patuí. Em 1944, assumiu como pároco o Pe. Antônio Klein, tendo como vigário o Pe. Anton Fertl. Dois anos depois, Pe. Klein foi substituído pelo Pe. Antônio Patuí, que, por sua vez, em 1947, deixou o lugar ao Pe. Martinho Seitz. Pe. Martinho concluiu a obra da igreja e construiu a torre, conseguindo com que o empresário Miguel Matte doasse os sinos. (GUIZZARDI, 2014, p. 61).

**Foz do Iguaçu, naqueles anos 1940, cidadezinha ainda, timidamente localizada no extremo oeste paranaense, distava milhares de quilômetros dos conflitos que abalavam o mundo. Contudo, o episódio ocorrido com Monsenhor Manuel Könnner, de alguma forma, conseguiu conectá-la à guerra. Ocorrência esta, não mencionada (ou evitada) no Painel *História*. Os escritos a seguir sintetizam os acontecimentos:**

Em 1937/1938 hospedava-se na casa dos Padres, naqueles anos a casa mais confortável da cidade, um membro da Família Real da Áustria, um Arqueduke de Habsburgo. Este tinha uma grande fazenda no Paraguai. Foi diversas vezes por semana com um próprio avião para lá, com cientistas e exploradores, para estudar o solo desta fazenda. No início de 1938 foi para Europa, mas prometeu voltar logo no mesmo ano. Mas quando em março de 1938 as tropas de Hitler invadiram a Áustria ele ficou preso e não voltou mais. Deixou aos cuidados dos padres alguns caixotes grandes com artigos de uso pessoal e artigos e material de trabalho para exploração das terras da fazenda. Continham também alguns fuzis e munição e 1-2 quilos de dinamite. Os padres nem sabiam do conteúdo destas caixas e guardaram religiosamente tudo num quarto sempre chaveado. Em 1942 havia na Foz do Iguaçu um homem que era bastante conhecido daquele Arqueduke austríaco e este sabia do conteúdo destas caixas, foi ele denunciar Mons. Könnner na Delegacia, de ter ocultado material bélico na sua residência, tudo proibido para estrangeiros pela Lei da Fronteira e do Litoral. Pobre do Mons. Könnner. Ele não sabia de nada, nem das caixas nem de seu conteúdo, pois era Provincial em 1938 com residência em Minas, e os outros Padres, ao lhe deixarem na casa sozinho, só lhe disseram, que naquele quarto havia caixas e coisas pertencentes ao Arqueduke. Na segunda metade de janeiro, antes da festa de São Sebastião, foi repentinamente declarado preso, dentro da sua residência, pelo próprio Delegado Regional da Polícia. Dias depois, em fins de janeiro de 1943, foi levado preso de ônibus, remetido a Curitiba, incomunicável. Por causa do tempo o ônibus pernitoou em Laranjeiras e Monsenhor conseguiu mandar um bilhete ao Vigário Pe. Paulo Schneider, deixando-o provisoriamente de Vigário Geral da Prelazia e pedindo a remessa de um Breviário, pois lhe tinham tirado tudo antes de partir. Por causa do mau tempo o ônibus pernitoou no dia seguinte em Guarapuava. Também conseguiu mandar um bilhete aos Padres, pedindo um cobertor para a noite e para chamar a atenção dos Padres sobre o fato doloroso da sua prisão. Em Curitiba depois de uns dias foi solto, até que foi obrigado a deixar o Estado do Paraná. (SEITZ, 1974, p. 29).

Este seria, portanto, o relato de um colega, membro do clero e pertencente à mesma Congregação *Verbata* do Monsenhor Könnner. Outra análise sobre este mesmo caso pode ser observada na tese desenvolvida pelo historiador Micael Alvino da Silva (2010), que apresenta evidências que demonstram excessos por parte de autoridades na época, não somente aos religiosos, como também à Congregação do Verbo Divino, considerada pelo delegado regional de então, como uma rede de espionagem nazista.

De acordo com Silva (2010, p. 155), os autos apontam que Monsenhor Manoel Könnner e seus antecessores praticaram o crime previsto pelo art. 13 da Lei de Segurança Nacional:

Fabricar, ter sob sua guarda, possuir, importar ou exportar, comprar ou vender, trocar, ceder, ou emprestar, por conta própria ou de outrem, transportar, sem licença da autoridade competente, substâncias ou engenhos explosivos, ou armas utilizáveis como de guerra ou como instrumento de destruição.

Conforme prescreve a Lei, a acusação contra o religioso não seria injusta. Em sua defesa, porém, havia o fato de o Monsenhor alegar não ser proprietário daquela caixa e ignorar o conteúdo dela. Entretanto, o mais pontual, na análise de Silva (2010), seria o aparente aspecto preconceituoso (ou xenofóbico) cometido contra estrangeiros, sobretudo os de origem alemã, no qual o processo se desenhou. Fator perceptível pela forma de condução e descrição dos autos registrados nos arquivos do DOPS-PR, apresentados na tese.

Por fim, já no Rio de Janeiro, Monsenhor Manoel Könnner foi sentenciado a três anos de reclusão “com grande espalhafato da imprensa inimiga”, conforme descreve o Livro Tombo da Paróquia São João Batista (Vol. II, 17 de outubro de 1943, p. 43). O registro atesta também que, após uma complexa mobilização, o então chefe de polícia, Coronel Nelson de Melo, por “um ato de gentileza” conseguiu evitar que o prelado fosse levado ao presídio de Ilha Grande, sendo encaminhado à “penitenciária de mulheres delinquentes” em Bangú, onde prestou serviços como capelão coadjutor.

Seitz (1974, p. 32) descreve que, “em 15/02/1944, Monsenhor Könnner foi absolvido e seu processo arquivado, por carecer de base jurídica”. O processo teria sido considerado originário de fonte caluniosa. “Ao então denunciado, foi feita inteira justiça pelas autoridades brasileiras, principalmente militares, que permitiram a ele e a todos os padres alemães, de regressar novamente a Foz do Iguaçu”, completa Seitz.

Conforme a análise de Silva (2010, p. 158), a ocorrência não chegou a afetar a imagem da Igreja ou dos religiosos na cidade. Ao contrário, Seitz (1974, p. 24) descreve largamente sobre a receptividade calorosa concedida ao monsenhor Manoel Könnner em seu retorno às atividades da prelazia.

O Padre Martinho Seitz dedica boa parte de seus escritos ao “bispo do sertão”,

segundo o qual, Monsenhor Könnner era conhecido, chamando atenção especialmente para seu perfil, descrevendo-o como pessoa de alma simples e abnegada, que fazia diversas diligências pelo vasto território da prelazia para visitar às comunidades assistidas pela Igreja, sempre a cavalo, calçando botas altas e chapéu largo, não aparentando ser prelado ou bispo.

Dom Manoel Könnner tem seu nome dado a um colégio estadual situado em Santa Terezinha de Itaipu, cidade vizinha a Foz do Iguaçu; e a uma rua do bairro Interlagos em Cascavel.

## DOM ARMANDO CIRIO

O Painei *História* informa que “em 1958 a Prelazia foi extinta e Foz do Iguaçu passou a ser uma Paróquia de Toledo, sob o comando do Bispo Dom Armando Círio”, pertencente à Congregação dos Oblatos de São José (OSJ). Conforme Guizzardi (2014, p. 61), de 1960 a 1978, Dom Armando esteve à frente da Diocese de Toledo, à qual a Paróquia São João Batista pertencia. Posteriormente, tornou-se o primeiro bispo da Diocese de Cascavel. Faleceu em 2014, aos 98 anos.

A Diocese de Toledo foi criada em 1959 por meio da *Acta Apostolicae Sedis*, promulgada pelo Papa João XXIII, com a descrição: “Com o território da prelazia *Nullius* de Foz do Iguaçu, totalmente extinta, são erigidas duas novas dioceses com o nome de *Campo Mourão e Toledo no Brasil*”.

A tese de Nilceu Jacob Deitos (2004) aponta que a criação destas dioceses não aplacou de imediato as precariedades da Igreja na região Oeste do Paraná. Dom Armando tomou a iniciativa de fundar seminários para preparar novos sacerdotes e, para atender o território, precisou criar diversas paróquias e buscar auxílio junto aos provinciais e congregações religiosas. Esta seria uma estratégia mais logística que expansionista, pois se tratava da capacidade de recursos para atender à crescente população oestina.

A ocasião em que Dom Armando tomou posse da Diocese, a área de abrangência era de em torno de 29.800 km<sup>2</sup> e era composta pelas paróquias de Toledo, Dez de Maio, Quatro Pontes, Guaíra, Palotina, Foz do Iguaçu, São Miguel do Iguaçu, Medianeira, Cascavel, Cafelândia, Corbéia, Guaraniaçu, Laranjeiras do Sul, Campo Novo (hoje Quedas do Iguaçu), Virmond e Marquinho. Na época existiam no território da Diocese 21 padres, sendo que 12 sacerdotes eram missionários do Verbo Divino, dois padres da Sociedade de São Vicente Palotti (Palotinos) e sete do clero diocesano.

Ainda conforme Deitos (2004, p. 94), a Igreja, sob o comando de Dom Armando Círio, se esforçou em definir o espaço diocesano empreendendo a construção de paróquias, sendo que cada qual deveria ter sua igreja e casa paroquial. Como resultado desta objetivação, Dom Armando aponta que, em 1972, a diocese chegou a ter 37 igrejas

matrizes em construção.

O período de episcopado de Dom Armando Círio corresponde ao do Golpe Militar ocorrido no Brasil em 1964. As fontes pesquisadas, porém, não revelam ocorrências decorrentes daquele evento com maiores implicações na esfera eclesial do oeste paranaense.

## **PADRE GERMANO LAUCK**

1972: Em janeiro de 1972, Padre Germano Lauck, SVD, tomou posse como Vigário e permaneceu na Paróquia até seu falecimento em 1º de março de 2009. Mesmo com dificuldades decorrentes do acidente de carro que o deixou tetraplégico em 1975, seus 37 anos de convívio com a comunidade iguaçuense são lembrados por sua alegria e incontáveis obras de caridade, criações de pastorais e estreitamento dos laços com a sociedade. (Painel *História* PSJB, 2015).

O trecho citado no Painel *História* foi extraído dos escritos de Dom Laurindo Guizzardi (2014, p. 62), no qual é salientada a dinâmica pastoral deste religioso. Seu desempenho é evidenciado por suas ações. Sobre sua biografia, o texto apresentado no memorial ao Padre Germano Lauck, localizado no interior do Hospital Municipal, acrescenta que este sacerdote nasceu em 23 de março de 1934, em *Hasborn*, Alemanha, ingressou no seminário da Congregação do Verbo Divino na Áustria em 1954.

Enviado ao Brasil em 1972, assumiu a Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu naquele mesmo ano. Bastante atuante, implantou a missa dominical transmitida por rádio, ajudou a criar o Centro Pastoral Paroquial, o Núcleo Sagrada Família e o Projeto Esperança e Vida. Em 1988, recebeu de Dom Olívio Fazza, a função de vigário geral e judicial da diocese. Foi homenageado, em 2006, pela Câmara Municipal com o título de cidadão honorário de Foz do Iguaçu por sua relevante contribuição missionária em prol da fé cristã. Tem seu nome dado ao Centro Pastoral da Paróquia e ao atual Hospital Municipal.

Pelo tempo de atuação e presença, Padre Germano Lauck é, possivelmente, o religioso ligado à Paróquia São João Batista mais lembrado junto à comunidade iguaçuense. Atualmente seus pertences estão preservados em um cômodo da casa paroquial, assim como os de Dom Olívio. Segundo Padre Vicente (2019), existe a intenção de que, futuramente, estes artefatos possam ser devidamente organizados como espaço memorial para receber a visitação pública. Contudo, os objetos mais representativos já foram destinados ao memorial do Padre Germano, localizado no Hospital Municipal.

Padre Germano foi sepultado aos fundos da Igreja, numa área de fácil acesso, próximo ao estacionamento, recebendo visitação frequente dos paroquianos. Este incremento tende a proporcionar aprimoramento ao espaço sagrado, tornando a Igreja não apenas uma obra de valor histórico, como também de visitação devocional.

## DOM OLÍVIO FAZZA

Anos 1980: Dom Olívio Aurélio Fazza SVD, mineiro de Juiz de Fora, dirigiu a diocese de Foz do Iguaçu de 1978 a 2001, quando se tornou emérito. Nesse período, foi representante dos bispos do Paraná na Comissão de Pastoral da Terra, na Pastoral da Saúde, no Regional Sul 2 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e vice-presidente do Regional Sul 2. Tinha excepcional carinho pela Catedral São João Batista, onde estava sempre presente em reuniões pastorais e celebrações especiais. Faleceu no dia e Natal de 2008, aos 83 anos, no Hospital Costa Cavalcante em Foz do Iguaçu, e seu corpo está sepultado junto ao do amigo Pe. Germano Lauck, no terreno ao fundo da Paróquia São João Batista, como era de seu desejo. (Painel *História*. PSJB, 2015).

Outro religioso *verbita* em destaque no Painel *História*, Dom Olívio Aurélio Fazza, fez os votos em 5 de março de 1955 em São Paulo. Foi professor e educador dos irmãos da Sociedade do Verbo Divino (1955-1958), no Seminário Menor em Toledo (1959-1962); mestre de noviços dos irmãos e vigário em São Paulo (1963-1975) e superior provincial da congregação, em São Paulo (1975-1978). Foi o primeiro bispo de Foz do Iguaçu, tendo estado à frente dessa diocese de 1978 até 2001, ano em que foi aposentado. Foi sagrado pelo arcebispo Dom Geraldo Maria de Moraes Penido.

Em 1978, foi criada a Diocese de Foz do Iguaçu, com Dom Olívio Aurélio Fazza, SVD, como seu primeiro bispo, e a Paróquia São João Batista passou a ser a Catedral. Em outubro do mesmo ano, iniciou-se a reforma que mudaria drasticamente as características internas da igreja.

A tese de Frank Antônio Mezzomo (2009) destaca o papel de Dom Olívio em sua atuação na esfera social da diocese, considerando uma vanguarda nas problemáticas emergenciais que envolviam a população do Oeste do Paraná, tais como a fome, a violência, o desemprego e a migração forçada. Essas interações, por vezes conflitivas, lhe renderam notoriedade como religioso convicto de sua autoridade eclesial, impactando suas ações na sociedade civil em suas lutas contra injustiças. Seu desempenho obteve o reconhecimento da Câmara Municipal de Foz do Iguaçu que, em 2005, o homenageou com uma Moção de Aplauso por suas contribuições junto à sociedade iguaçuense. O religioso também teve uma homenagem póstuma, com seu nome dado ao Centro Municipal de Educação Infantil Dom Olívio Aurélio Fazza (CMEI), inaugurado em 2012, quase quatro anos após sua morte.

Na época de seu falecimento, seu corpo foi sepultado, a princípio, na Paróquia São João Batista, ao lado do túmulo de Pe. Germano Lauck, no terreno atrás da igreja. Em 2018, o corpo de Dom Olívio foi trasladado para a cripta da nova catedral Nossa Senhora de Guadalupe, na Vila A, assim que esta parte da obra foi concluída. Vale ressaltar a importância dada à Catedral São João Batista, não só pelo título, mas também por seu vínculo com Dom Olívio.



A Enciclopédia Católica descreve *Catedral* como sendo a igreja principal de uma diocese, na qual o bispo tem o seu trono (cátedra) e perto da qual está a sua residência. É, propriamente falando, a igreja do bispo, onde ele preside, ensina e conduz o culto para toda a comunidade cristã. A palavra é derivada do grego *kathedra* através do latim *cathedra*, trono, assento elevado onde se senta o Bispo. A literatura eclesiástica primitiva sempre transmitiu a ideia de autoridade.

A vultuosidade refletida por meio do perfil pastoral de Dom Olívio Fazza conferia, portanto, certo *status* de nobreza à Catedral São João Batista. Este fator favoreceu algumas manifestações de resistência por parte de paroquianos mais conservadores quando se cogitou a mudança do título para a nova Catedral Nossa Senhora de Guadalupe, considerando o fato como uma espécie de rebaixamento. De qualquer forma, certamente a morosidade das obras da nova catedral colaborou para que a mudança dessa mentalidade ocorresse de maneira gradativa.

Ao final, o Painel *História* descreve algumas obras e ajustes ocorridos na Igreja a partir dos anos 2000. Na linha sucessória episcopal, é acrescentado que “após Dom Olívio, o comando da Diocese de Foz do Iguaçu passou para Dom Laurindo Guizzardi, CS, de 2001 a 2010, quando então foi sucedido por Dom Dirceu Vegini”. Este último, no entanto, falecido em 2018. Atualmente a diocese de Foz do Iguaçu é dirigida por Dom Sérgio de Deus Borges.

Como proposição para a leitura do informativo subsequente, intitulado Painel *Reforma*, o Painel *História* justifica que “o uso frequente e a deterioração causada pelo tempo fazem exigir uma nova intervenção, desta vez não só estética, mas também estrutural”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme proposto, o texto aqui apresentado procurou desenvolver análises sobre a historiografia da Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu com foco nas atividades desenvolvidas pela Congregação do Verbo Divino (SVD), tomando como elemento indiciário o Painel *História*, no qual foi possível escrutinar fatos e personagens delineados de forma cronológica em sua apresentação.

Destarte, foi possível perceber, primeiramente, a possibilidade de ampliação dos temas por meio da pesquisa. As fontes puderam aclarar pessoas e fatos pouco explorados nas narrativas habituais relacionadas à Foz do Iguaçu. Esta carência pôde ser detectada também no Painel. A história sintetizada no enquadramento revela-se bem mais prolífera e potencialmente expansiva.

A maior parte das diversas fontes de pesquisa demonstrara que, de alguma forma, a origem das informações que compõem a cronologia partiu de um registro realizado

por religiosos, que poderia resultar em uma descrição unilateral. Desta forma, tanto o conteúdo do Painel História como também o destes escritos, configuram-se como uma memória eclesial, uma historiografia indiciária produzida a partir da própria instituição. De qualquer forma, a escassez de outras fontes, ou de facilitadores de acesso a elas, torna o conteúdo apresentado no Painel um dos poucos elementos referenciais acessíveis para o conhecimento acerca da história da Igreja local.

A Congregação do Verbo Divino se destaca no Painel, não só por ser a representação católica pioneira na região oeste no início do século XX, como também por sua marca. É perceptível o esforço de implantação não só de uma representação católica em Foz do Iguaçu, mas da imagem da Instituição *Verbíta*. A sigla SVD figura em suas edificações desde aquele tempo até os dias atuais. Destarte, o texto dedica especial atenção a alguns religiosos do Verbo Divino, especialmente Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, Padre Germano Lauck e Dom Olívio Aurélio Fazza. A memória destes clérigos é afirmada pelo exercício de nomeação de vias públicas, obras assistenciais, de saúde e educação. Estes seriam recursos duradouros preconizados por indivíduos ou instituições com intuito de relebrá-los ou apresentá-los às novas gerações.

Sobre estes religiosos citados, empiricamente é possível perceber que atualmente o nome “Monsenhor Guilherme” está mais vinculado às obras homônimas que ao catolicismo. Em âmbito geral, ao mesmo tempo em que o nome é popular, a pessoa do religioso é desconhecida. Por este fato, o Painel cumpre papel de conectar o nome ao personagem, ao menos de forma parcial.

Mais recente é a figura de Padre Germano Lauck, que se consolidou por seu longo tempo de atividade à frente da Paróquia São João Batista. Pensando subjetivamente, durante um longo tempo, ele foi a imagem daquela igreja, sendo sua lembrança acionada rapidamente quando se mencionava aquela Paróquia, algo que ainda ecoa por meio das gerações de católicos que, em algum momento, tiveram passagem por ela. Por esta razão, o fator de contemporaneidade cumpre papel auxiliar para a manutenção de memórias em torno desse personagem.

Dom Olívio Aurélio Fazza destoa da maioria dos citados por ser um personagem de ação que concentrou esforços além do perímetro religioso para promover transformações no meio civil. Sua biografia revela um comprometimento com seu símbolo apostólico “*in uno spiritu*”, maior que sua congregação. Se por um lado a Catedral São João Batista tinha esse título enobrecido pelo Bispo, por outro lado este era o lugar em que Dom Olívio menos estava presente, a não ser em celebrações litúrgicas especiais. O fato de não se fixar ali não significava indicativos de menosprezo, mas revelava uma dinâmica de atuação cujo comprometimento era bem mais abrangente.

Na pesquisa, foi possível também perceber assuntos que receberam mais atenção em detrimento de outros. No exercício de composição sobre o que seria apresentado ao

público por meio do Painel, existiram escolhas e descartes. Monsenhor Guilherme Maria Thiletzek, Padre Germano Lauck e Dom Olívio Aurélio Fazza figuram como os religiosos mais evidenciados no Painel *História*. Por outro lado, as ocorrências que envolveram Dom Manuel Könnner, em seu episódio de prisão, parecem ter sido evitadas, mesmo tendo as fontes indicado sua inocência.

Sobre este fato, é possível pensar que o Painel poderia tê-lo tratado como um acontecimento histórico altamente relevante, uma vez que, de maneira abrangente, o episódio da prisão de Dom Manuel Könnner conecta Foz do Iguaçu ao evento da Segunda Guerra Mundial.

Sobre estas escolhas, supõe-se que, no decorrer de sua história, existiram outros religiosos que também, em seu tempo, exerceram desempenho importante na vida da Paróquia São João Batista, sendo que alguns foram selecionados para serem lembrados e, evidentemente, outros tiveram menos destaque ou foram simplesmente invisibilizados. Tal fato pode ser justificado pela falta de espaço físico no Painel para descrever sobre estes religiosos e suas ações e, mesmo que houvesse, revela-se inexistente a possibilidade de se mencionar a todos integralmente. De qualquer forma, as informações apresentadas assinalam para a consolidação de um discurso padronizado sobre o imaginário em torno da igreja local, seus personagens e sua história.

A memória popular está atrelada à experiência vivencial com o objeto ou pode ser concebida a partir da monumentalização dele. Sua manutenção se justifica, pois o sentimento de apropriação da Igreja como monumento histórico pode ser melhor absorvido pelos mais antigos que, de alguma forma, tiveram maior envolvimento com ele. Porém, a carência de instrumentalização de sua permanência, em vista aos mais novos, pode decretar seu esvaziamento, uma vez que os idosos partem e esse sentimento se esvai junto com eles. Desta forma, o esforço de erigir a igreja como um monumento histórico por meio de seus mecanismos memoriais configura-se como uma das poucas iniciativas que possibilitam a manutenção de imaginários vinculados a ela.

A Igreja Matriz São João Batista, que aqui foi inquirida, corresponde a uma parcela da identidade cultural de Foz do Iguaçu. As ações pioneiras da Congregação do Verbo Divino e seus personagens, apresentados nesta pesquisa por meio da Painel *História*, indicam esta Igreja ser possuidora de valores agregados que estão além dos da fé. É um edifício que acompanhou o desenvolvimento de Foz do Iguaçu e agora consolida-se como um dos símbolos da história e da cultura da cidade. O que outrora era tido tão somente como um lugar apropriado à prática do catolicismo, agora se reconfigura em um novo patamar. Seu posicionamento perante os diversos outros ícones do município requer um contínuo trabalho de manutenção e promoção, colocando-a ao mesmo tempo, no eixo turístico já consolidado e no imaginário do povo iguaçuense como monumento histórico.

## REFERÊNCIAS

BERNAL, Mac Donald Fernandes. *Igreja Matriz São João Batista de Foz do Iguaçu: Da Igreja Histórica à Igreja Alegórica*. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu, Paraná, p. 265. 2021.

MELLO, Cláudio Renato de Camargo. *O Patrimônio Arquitetônico e Urbano na Tríplice Fronteira: Brasil (BR), Paraguay (PY) e Argentina (AR)*. Tese (Doutorado em Sociedade, Cultura e Fronteiras) - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE. Foz do Iguaçu, Paraná, p. 377. 2020.

MYSKIW, Antonio Marcos. *A Fronteira como Destino de Viagem: A Colônia Militar de Foz do Iguaçu (1888/1907)*. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade Federal Fluminense – UFF. Niterói, RJ, p. 245. 2009.

MEZZOMO, Frank Antonio. *Dom Olívio Aurélio Fazza: Trajetória Eclesial de um bispo em uma região de conflitos*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, SC, p. 363. 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92564>>. Acesso em: 27 out. 2020.

NEW ADVENT – *Cathedral*. Fonte: <<https://www.newadvent.org/cathen/03438a.htm>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

PREFEITURA DE FOZ DO IGUAÇU. *Cronologia*. <<https://www5.pmfj.pr.gov.br/cidade/>>. Acesso em: 11 abr. 2020.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO PARANÁ. Colégio Estadual Monsenhor Guilherme. Disponível em: <<http://www.fozguilherme.seed.pr.gov.br/modules/noticias/>>. Acesso em: 20 out. 2020.

SILVA, Micael Alvino. *Vigilância aos súditos do Eixo na parte brasileira da Tríplice Fronteira (1942-1943)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Estadual de Maringá – UEM. Maringá, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/112970>>. Acesso em: 20 out. 2020.

SOCIETAS VERBI DIVINI. Disponível em: <<http://www.svdcuria.org/public/mobile/dimidx.htm>>. Acesso em: 05 set. 2020.

### Referências Bibliográficas

AGUILAR, Jurandir Colonado. *Intrépidos Missionários da Igreja no Paraná – Biografias de Presbíteros*. Curitiba: Champagnat, 2010.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada*. Tradução: Centro Bíblico Católico. 57. ed. São Paulo: Ave Maria, 1987.

BRITO, José Maria de. *Descoberta de Foz do Iguaçu e a fundação da colônia militar*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005.

CIRIO, Dom Armando. *Anotações da vida e da atuação da Arquidiocese de Cascavel: 1978-1996*. Org. Maria Tânia de Oliveira; Pe. Antonio Carlos Gerólomo. Cascavel: ASSOESTE, 2014.

GUIZZARDI, Dom Laurindo. *História da Diocese de Foz do Iguaçu. Coleção Testemunhos – 6*. Brasília: Edições CNBB, 2014.

HAESBAERT, Rogério. *O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade*. 5. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2002.

PRATS, Llorenç. *Antropología y patrimonio*. Barcelona: Ariel, 1997.

RÖWER, Frei Basílio. *Dicionário litúrgico para uso do Revmo. Clero e dos fiéis*. Petrópolis: Vozes, 1947.

SANTOS, José Carlos dos. *Luzes na floresta: religiosidade como arte de governar no espaço colonial*. Cascavel. PR: Coluna do Saber, 2008.

SCHIMMELPFENG, Otília. *Retrospectos iguaçuenses: Narrativas históricas de Foz do Iguaçu*. Foz do Iguaçu: Tezza, 1991.

SEITZ, Padre Martinho (Org.). *1924-1974: Paróquia São João Batista de Foz do Iguaçu no seu cinquentenário*. São Paulo: Editora SVD, 1974.

SVD. *Arnaldo Janssen, ontem e hoje: Personalidade, carisma, herança*. Congregação do Verbo Divino. Curitiba: SVD-Brasil-Sul, 2000.

WELTER, Pe. Lotário. *Tempos heróicos de uma igreja nascente (memórias) – Foz do Iguaçu - Início do século até 1941*. Edição Bilingue. Asunción: Paraguai, 1992.

# Lugares de Memória



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



**PPGSCF**

Programa de Pós-Graduação em  
Sociedade, Cultura e Fronteiras

**Atena**  
Editora  
Ano 2022

-  [www.arenaeditora.com.br](http://www.arenaeditora.com.br)
-  [contato@arenaeditora.com.br](mailto:contato@arenaeditora.com.br)
-  [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
-  [www.facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

# Lugares de Memória



**unioeste**

Universidade Estadual do Oeste do Paraná



**PPGSCF**

Programa de Pós-Graduação em  
Sociedade, Cultura e Fronteiras

**Atena**  
Editora

Ano 2022

-  [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)
-  [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)